

Em memória de Manuel Seabra
e de Alito Siqueira

Editorial

Conflitos e convergências: vida literária e intelectual em Goa é o terceiro dossiê sobre a literatura e cultura goesas publicado na *Via Atlântica*, fazendo com que a revista se constitua, na atualidade, como um dos mais profícuos espaços de reflexão acerca da produção letrada de Goa fora da Índia. O primeiro dossiê compôs o número 19, publicado em junho de 2011, e o segundo, o número 30, de dezembro de 2016. A maior parte dos colaboradores e os três organizadores do presente dossiê fazem parte do projeto temático *Pensando Goa: Uma Peculiar Biblioteca de Língua Portuguesa*, financiado pela FAPESP (Proc. 2014/15657-8), que teve início em 2014.

Desde o século XVI, a sociedade goesa contou com uma elite letrada em língua portuguesa que produziu tanto obras impressas quanto manuscritas, concentrando sua produção primeiramente na hoje chamada Velha Goa, isto é, a cidade que deu origem àquela ex-colônia portuguesa, onde se encontram diversos monumentos do período colonial. A partir do século XIX, a produção impressa cresceu significativamente, com a introdução da imprensa periódica. A cidade de Margão ganhou proeminência nesse momento, suplantada, no século XX, pela vitalidade intelectual de Nova Goa, hoje Pangim ou Panaji, atual capital daquele estado indiano. Se a produção literária e intelectual até o século XVIII esteve concentrada em torno das atividades do reino e eclesiásticas, a partir do século XIX, com o surgimento da imprensa privada, houve expansão do universo letrado para o cotidiano das elites locais, sendo estas ampliadas pelo sistema educacional e pela presença cada vez maior, no campo intelectual, de outras línguas, como o marata, o concani ou o inglês.

Conflitos e convergências, recorte proposto por este dossiê, surgem desde os primeiros escritos, fazendo do mundo letrado um palco de constante disputa por legitimidade social, espaço político, poder religioso, mas também lugar

de exercício estético, apresentando obras dos mais variados gêneros literários e não literários. Este número focaliza, portanto, os debates e consensos oriundos desses conflitos e seu diálogo com a produção que se dedicava a cultivar a dimensão estética da linguagem. Temas polêmicos são o foco deste número dedicado à vida literária e intelectual goesa, como aqueles voltados para as questões de dominação colonial, disputas religiosas, o lugar da mulher, conflitos de classe e de castas, entre outros.

Considerando o universo intelectual e literário goês, estão privilegiadas as seguintes abordagens no presente dossiê: literatura e vida social; literatura e imprensa; política e sociedade.

No que concerne aos artigos que envolvem a relação entre literatura e vida social, que dão início ao dossiê, temos primeiramente aquele de Paul de Melo e Castro, “Em torno do fim: Goa tardo-colonial no ciclo de contos *Monção* (1963) de Vimala Devi”, que analisa o livro de contos da célebre escritora goesa a partir das teorizações mais recentes sobre a noção de “ciclo de contos”, que difere da coletânea não integrada de narrativas curtas, o que torna possível, como conclui o autor, uma peculiar representação da Goa nos estertores do colonialismo português, em que a oscilação entre forças centrípetas da tradição e o conservadorismo das forças centrífugas da mudança perfazem o retrato de uma sociedade unida por suas divisões.

Em seguida, o estudo de Joana Passos “As políticas do cânone: quem se marginaliza e por quê? O caso de Vimala Devi”, discute a formação de cânones regionais, nacionais e supranacionais face a escritores situados fora da sua cultura de origem, por emigração ou por exílio. A autora também toma por objeto de análise a obra de Vimala Devi (1932-), focalizando sobretudo seu livro de poemas *Súria* (1962), enquanto escritora no exílio, para problematizar os limites entre a expressão lírica de sentimentos de nostalgia e a possível manifestação de nostalgia imperial. Assim, procura demonstrar os limites de um modelo de recepção literária baseado no modelo de “literaturas nacionais” com o objetivo de confrontar a preponderância de critérios políticos na recepção de escritores durante o fim do colonialismo, submetendo critérios estéticos e intelectuais ao alinhamento com determinadas ideologias. O caso da recepção crítica da obra de Vimala Devi se revela bastante representativo nesse contexto, já que a abordagem socialmente crítica da realidade goesa que realiza a escritora não aniquilaria sua nostalgia pela terra natal.

Já Lucas Henrique Lima Vecchi e Duarte Nuno Drumond Braga, em “O humanismo oriental de Adeodato Barreto e o contexto político internacional da década de 1930” exploram o livro *Civilização hindu* desse ensaísta goês, publicado em 1935, que, além de ser uma apresentação ao público português da civilização milenar indiana, também descreve a Nova Índia, renascida para a luta anticolonial de Gandhi e de Tagore. Os autores fornecem referências de um vasto panorama internacional da década de 1930, perpassando as correntes autoritárias europeias, como o nazi-fascismo, o stalinismo ou o colonialismo. Os autores buscam demonstrar como o discurso de Adeodato Barreto em defesa da Índia se relaciona com a crítica aos totalitarismos, ao colonialismo e, veladamente, ao salazarismo. Revelam ainda que Barreto explora a concepção de humanismo oriental enquanto uma forma de indianismo goês, isto é, como uma maneira de elaborar uma referência modelar para a cultura goesa.

O artigo de Maria de Lourdes Bravo da Costa, “O arroz como metáfora em *O signo da ira* (1961), de Orlando da Costa”, discute a relação entre *bhatkar* (trabalhador rural) e *mundkar* (proprietário rural) presentes no texto, assim como a utilização que o escritor faz da simbologia do arroz. Para a autora, o foco do romance, que se concentra nos conflitos sociais em Goa, é o meio de subsistência da sociedade goesa, fundado na relação *mundkar-bhatkar*, materializada pelo cultivo do arroz. O romance evidencia a fragilidade da situação social daqueles que cultivam o arroz para outros e que, ao mesmo tempo, dependem do arroz para sua própria subsistência. Assim, o romance *O signo da ira* é analisado a partir da ótica da importância do arroz no quadro da economia de Goa e no quadro da economia do romance.

Como é fácil constatar, nesses quatro primeiros artigos, os conflitos são uma constante, quer no que concerne ao embate entre modernidade e conservadorismo na sociedade goesa presente nos contos de Vimala Devi, quer no embate entre modelos civilizatórios distintos, como os tratados por Adeodato Barreto, quer nos conflitos sociais em torno da subsistência da população pobre de Goa, na obra de Orlando da Costa.

No que diz respeito aos artigos que envolvem a relação entre literatura e imprensa, temos primeiramente aquele de José Antonio Pires de Oliveira Filho, intitulado “As crônicas de Júlio Gonçalves na revista *Ilustração Goana* (1864-1866)”, que faz uma apresentação das crônicas produzidas por esse renomado escritor goês, publicadas no periódico que ele mesmo criara. A *Ilustração Goa-*

na foi a revista literária de maior prestígio e duração em Goa durante o século XIX, sendo que Júlio Gonçalves ali publicou a parte mais significativa de sua obra literária, contemplando sobretudo contos, crônicas e crítica literária. O presente artigo focaliza suas crônicas, demonstrando o quanto o jovem escritor se revelou um grande cronista, com estilo muito peculiar, colocando em foco o embate de formas literárias na caracterização do gênero crônica, associando-o à dinâmica da imprensa periódica.

O texto de Adelaide Muralha Vieira Machado, “‘Poesia e exílio’ de Lúcio Rodrigues: crítica literária e identidade cultural na *Goan World* (1924-1942)”, discute a produção literária presente na referida revista, publicada em Bombaim, em inglês, e patrocinada pelo Indo-Portuguese Publicity Bureau. A autora nos esclarece que esta publicação destinava-se às comunidades goesas no mundo, daí a escolha da língua inglesa para desenvolver a rede de correspondentes e leitores da revista, bem como o público mais amplo que pretendia alcançar. Como uma revista intelectual, com a missão de intervir cultural e politicamente na sociedade goesa, seus editores apresentaram um manifesto permanente contra a ditadura portuguesa e a favor da autonomia de Goa numa Índia libertada, sendo pelo viés da cultura literária que os responsáveis da revista afirmavam seu lado nacionalista indiano. Um caso exemplar dessa atividade ligada à literatura é o de Lúcio Rodrigues, professor universitário de língua inglesa em Bombaim, que, em um ensaio crítico, trabalha a relação entre literatura e identidade nacional, procurando demonstrar a existência e peculiaridade da literatura goesa de língua inglesa como para da literatura nacional indiana.

O artigo de Viviane Souza Madeira, “Women’s Writing and Writings on Women in the Goan Magazine *O Académico* (1940-1943)” [A escrita de mulheres e a escrita sobre mulheres na revista goesa *O Académico* (1940-1943)], discute textos escritos por mulheres e sobre mulheres, por homens e mulheres, publicados nesta revista goesa que, muito embora não tenha sido particularmente voltada às leitoras, mas a um público mais amplo – a “juventude goesa” – contém artigos que abordam a questão da mulher nas esferas da ciência, da política e da literatura. A autora entende que, a partir dos objetivos da revista, dentre os quais se destaca o de “emancipar intelectualmente a juventude goesa”, pode ser analisada a questão de gênero. Assim, Madeira argumenta que em *O Académico* pode ser identificado com um desejo de modernização da sociedade por parte da *intelligentsia* goesa, que compunha o corpo editorial da revista, a partir da

preocupação com ideias mais progressistas e da presença consistente de escritoras no espaço público proporcionado pelo periódico.

Já Marcello Felisberto Moraes de Assunção, em “Poesia e *Opinion Poll*: uma análise do engajamento político literário no periodismo goês pós-colonial (1961-1967)”, aborda a produção cultural e literária goesa durante o fim do colonialismo português na Índia, em 1961, por meio dos periódicos *A Vida*, *Diário da Noite* e *O Herald*. O autor faz uma leitura em contraponto dos editoriais e das poesias publicadas nesses jornais, para perscrutar as diferentes leituras sobre a identidade goesa no turbulento quadro do processo de transição para a Goa pós-colonial, esmiuçando as diversas relações existentes entre o campo político e o campo artístico e intelectual. Reproduz uma série de poemas, encontrados nos referidos periódicos, que formam uma espécie de coletânea de poesia política em torno do fim do colonialismo português em Goa.

Os artigos que colocam em cena a relação entre literatura e imprensa tratam tanto dos conflitos internos a forma de um gênero, como o da crônica, das redes de solidariedade entre goeses ao redor do mundo promovidas pela revista *Goan World*, da questão da literatura goesa como parte da literatura indiana, da presença das mulheres como agentes e como objeto de debate na imprensa goesa e das complexas relações entre literatura engajada e vida cultural e política ao término do colonialismo português.

Aprofundando-se na dinâmica da sociedade goesa, os últimos artigos do dossiê focalizam a história e a própria sociedade goesa, com abordagens que auxiliam muito a compreender o contexto em que a literatura teve lugar.

O artigo de Luís P. L. Cabral de Oliveira, “Política e literatura na Goa oitocentista: em torno da construção de um universo de escritores peristas”, realça a originalidade e importância do contributo goês para a política ultramarina portuguesa do século XIX, ao enfatizar o papel de Bernardo Peres da Silva e do *perismo*, designação genericamente dada ao impacto que a ação e os textos do político goês tiveram no contexto daquela então colônia portuguesa e do liberalismo português. Para Oliveira, o *perismo* ganha estatuto de uma forma de organização constitucional específica. Revendo uma ampla bibliografia em torno do tema, busca sustentar que o legado de Peres, filho das elites naturais católicas, articulou em torno de si política, direito, literatura, sendo uma importante chave de leitura para a compreensão da Goa oitocentista.

O artigo de Regina Célia de Carvalho Pereira da Silva, “Relações controversas com o outro na Goa de seiscentos”, reflete acerca da diferença e do *outro*, como uma constante na história da humanidade, mas focaliza os vários embates que surgiram entre a Santa Sé e o Padroado Português do Oriente durante os primeiros anos do século XVII. Tais conflitos, resultado do envio de missionários, da ordenação sacerdotal de naturais e da administração das missões em geral, privilegiam as fontes documentais da Índia e, sobretudo, de Goa. Utiliza, para tanto, manuscritos do Fondo Gesuitico Collegia do ARSI a fim de evidenciar os elementos históricos e socioculturais dessa conjuntura.

O texto de Camila Domingos do Anjos, “As representações das *devadasis* em Goa: a preocupação portuguesa com a moralidade (séculos XVI-XVII)”, por sua vez, analisa as iniciativas de coerção à conversão das *devadasis* (servas de deus) no contexto da colonização portuguesa em Goa, entre os anos de 1567 e 1606. A autora argumenta que as *devadasis* aparecem em tópicos específicas nos documentos oficiais, cujo intuito era impor condutas, comportamentos e disciplinaamentos às populações locais. Uma vez que, eram consideradas, pelos portugueses, mulheres públicas e associadas à lascívia, tornaram-se alvo das iniciativas de imposição dos costumes portugueses e da fé cristã por parte das autoridades eclesiásticas e régias, mas ainda assim resistiram e mantiveram suas atividades religiosas.

Portanto, nos três últimos artigos referidos, temos um mapeamento do perismo e de seu legado para a política e para a vida cultural goesa, a presença dos conflitos religiosos nas disputas internas da Igreja Católica envolvendo o padroado Português do Oriente e a Propaganda Fide e, nas externas, com as estratégias de catequização, que envolviam também o reino, na tentativa de controle cultural e comportamental das *devadasis*.

Os textos fora do dossiê da revista tratam de temas variados, como “O movimento literário *Cyberpunk*: a estética de uma sociedade em declínio”, de Gláucio Aranha, “Entre o gênero e a raça: uma leitura da *Cor da leitura*, de Geni Guimarães”, de Maurício Silva, e “Leitura contemporânea de autoria negra em Portugal: impasses e tensões”, de Rosângela Sarteschi, completando os artigos deste número 36 da *Via Atlântica*.

Na seção de resenhas, articulando-se tematicamente com o dossiê encontra-se aquela assinada por Rochelle Pinto, que analisa o livro organizado por Paul Melo e Castro, *Colonial and post-colonial Goan literature in Portuguese* [Litera-

tura goesa colonial e pós-colonial em língua portuguesa], de 2019, uma recém-lançada antologia crítica contendo ensaios de doze autores, que discutem a literatura publicada em Goa durante o século XX, mais especificamente até 1961, ano que marca o fim do colonialismo português em Goa. Temos ainda a resenha do livro de Fernando Arenas, *África lusófona: além da independência*, também de 2019, de Larissa da Silva Lisboa Sousa, que trata das literaturas africanas de língua oficial portuguesa nas primeiras décadas do século XXI.

Na seção de entrevistas, Daniela Spina presenteia o leitor a entrevista realizada em meados de 2018, em Barcelona, com a renomada escritora goesa Vimala Devi, em que nos são apresentadas memórias e reflexões da autora do livro *Monção*. A escritora relembra diversas vezes seu marido, o jornalista e escritor português Manuel de Seabra, que morreu em 22 de maio de 2017, aos 84 anos, figura importantíssima para a literatura goesa de língua portuguesa, por conta da elaboração da obra, em parceria com Vimala Devi, *A literatura indo-portuguesa* (1971), trabalho incontornável para todo e qualquer estudioso dessa literatura.

O presente dossiê presta homenagem à memória de Manuel de Seabra, assim como à memória de Alito Siqueira, professor de antropologia da Goa University, que colaborou com o Projeto Temático “Pensando Goa: uma peculiar biblioteca em língua portuguesa” inúmeras vezes e que nos deixou neste ano e de quem temos muita saudade. As palavras com que Vimala Devi sintetiza sua admiração por Manuel de Seabra na entrevista referida, as quais endossamos, certamente servem também para o professor Alito Siqueira: “Ele gostava de ajudar as pessoas. Estimulava as pessoas, a escrever, ir para frente. Era um homem com uma grande nobreza de carácter. Era um homem extraordinário”.

A seção literária abre com uma nota introdutória de Paul Melo e Castro, que apresenta dois contos inéditos da escritora goesa Maria Elsa da Rocha (1924-2007), o primeiro intitulado “Um caso de incúria profissional?” e o segundo, “Janela aberta”.

Para finalizar, é importante registrar que optamos por manter o português original dos artigos, isto é, alguns estão em português do Brasil e outros em português de Portugal. Vale ainda notar que diversas palavras de origem concaním, língua local de Goa, são transcritas de formas distintas nos diversos textos, pois nem sempre há consenso em suas transcrições. A própria designação da língua pode ser “concaním” e “concani”. Optamos por respeitar a escolha feita por cada autor.

Esperamos que este novo número da *Via Atlântica* sobre a vida literária e intelectual de Goa durante os períodos colonial e pós-colonial possa auxiliar aqueles que estudam esse universo literário e possa estimular novos pesquisadores a investigar as conexões da Ásia com o mapa-múndi das literaturas de língua portuguesa. Boa Leitura!

Cibele E. V. Aldrovandi (USP)

Cielo G. Festino (UNIP e USP)

Hélder Garmes (USP)